

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Somos uma Região Insular.

Somos uma Região que pela sua condição arquipelágica depende em exclusivo dos transportes e comunicações na sua ligação com o mundo.

Somos uma Região, cuja localização, no centro do Atlântico e a meio caminho de três continentes, é reconhecida como uma mais-valia muitas vezes não potenciada a favor dos Açores e dos açorianos, mas sempre aproveitada por outros.

Somos uma Região cuja condição de arquipélago não foi condicionante para a realização das famosas rotas comerciais. Pelo contrário, foi condição para o sucesso desse mesmo tráfego.

Somos uma Região que se, por um lado, o seu carácter ultraperiférico tem merecido uma atenção mais cuidada por parte da União Europeia, por outro, não devia constituir impedimento para a afirmação de ponte aérea entre continentes.

Somos uma Região de Emigrantes.

*Como Cristóvão de Aguiar escreveu: “Uma vez emigrado, o açoriano adapta-se com facilidade ao novo meio onde se radica. No campo do trabalho e do negócio é bem sucedido o até admirado pelas suas qualidades de perseverança e vontade. Devem ser, sem qualquer exagero, os melhores emigrantes do mundo. E todos trazem a sua Ilha pendurada no lugar do coração. Dá gosto pertencer a este povo que, embora derramado por este mundo de Cristo, levou consigo as raízes mais sagradas da sua cultura.”*

Não podemos ficar indiferentes a este sentir Açoriano.

Não podemos, acima de tudo, deixar perder este sentir Açoriano.

E como disse o Presidente do Governo Regional, em recente discurso dirigido às comunidades nos Estados Unidos: *“apesar da Europa constituir uma referência política crescente, é com os Estados Unidos que o arquipélago mantém uma associação emocional de carácter permanente.”* Salientando, por outro lado, que é *dever de Portugal apoiar continuamente*(...) *“assegurando os meios necessários à perpetuação de Portugal junto das novas gerações de luso-descendentes”*.

Se assim é, não basta dizer, é preciso fazer.

Não basta, quando lá vamos e somos recebidos de braços abertos com a hospitalidade característica das nossas gentes, anunciar aos sete ventos a importância da união com os nossos, a implementação de projectos que promovam a ligação entre as diversas comunidades e as nossas nove ilhas Açorianas.

É preciso, sobretudo, que os nossos emigrantes quando querem cá vir não encontrem as contrariedades e dificuldades de quem não é bem-vindo à sua terra.

Com a autêntica revolução que assistimos nos transportes ao longo dos anos, as ligações dos Açores com o exterior

já não deveriam constituir problema, mas sim o elemento determinante do sucesso de todas as políticas a prosseguir.

Somos poucos, somos pequenos, mas com muito potencial e não é fechados sobre nós próprios, com entraves e constrangimentos que dificultam as ligações com o exterior, que conseguimos chegar mais longe, nem tão pouco os de fora conseguem cá chegar.

A ilha Terceira, pela sua localização no centro do arquipélago, assumiu historicamente características inegáveis de centralidade, que aos poucos foram abandonadas e desaproveitadas. Apesar de muitas vezes prometida por quem, talvez, nem saiba o que tal palavra quer dizer.

Ficou por explicar o final das viagens regulares entre a Ilha Terceira e a América do Norte, em prejuízo das necessidades de todas as ilhas do Grupo Central e das respectivas Comunidades de Emigrantes.

Com o final desta ligação permanente, limitou-se o desenvolvimento de uma parte do arquipélago e

condicionou-se a ligação às suas ilhas de uma parte significativa da diáspora açoriana

Fica por explicar a diminuição abrupta no movimento internacional de passageiros no aeroporto das Lajes.

Será com certeza muito difícil de explicar, que quando aumenta o movimento internacional de passageiros a nível mundial e em particular nos Açores, o aeroporto das Lajes apresenta em 1994 um movimento de desembarque de 17.931 passageiros e no ano 2006 apresenta apenas um movimento de desembarque de 10.329. O que representa, de 1994 a 2006, uma diminuição de cerca de 43%.

Algo está mal!

É assim que uma ligação directa da Terceira com pontos específicos da América do Norte se revela com especial importância, não só para esta como para outras ilhas do Grupo Central, permitindo a ligação dos açorianos e seus descendentes à sua terra de origem e desta a outros destinos e comunidades.

Cumpra-se, assim, o que o Sr. Presidente do Governo Regional apregoa quando em terras de emigrantes se

encontra, e se esquece quando volta ao conforto da sua terra de berço.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membro do Governo

Nos Açores, o Turismo tem sido assumido como um dos pilares de desenvolvimento da região e todas as apostas têm sido neste sentido. No entanto, estando os Açores totalmente dependentes dos transportes na ligação com o mundo, nada deveria ser mais sensato e prioritário do que a coordenação destas duas políticas.

Considerando as evoluções ao nível do turismo e dos transportes, a Região apostou na conquista de novos mercados, designadamente do Norte da Europa, sem qualquer, ou pouca, ligação com os Açores, sem privilegiar e potenciar o tal “mercado da saudade”, que se pode assumir como um verdadeiro mercado turístico de potencial económico elevado. Pois, nas últimas décadas, a emigração açoriana evoluiu social e economicamente com o sucesso de muitos originários das ilhas nas terras que os acolheram.

Lembre-se, a este respeito, as declarações do Senhor Secretário da Economia acerca da recém criada Ligação Holanda-Terceira: *“muito contribui a história que em alguns casos foi comum aos dois povos, havendo motivos de interesse que importa explorar, desde o passado comum de descobrimento dos dois povos, até à influência flamenga nos Açores»*.

Importante sem dúvida.

Mas, perguntamos nós, e a fortíssima ligação que os Açores e, em especial, o Grupo Central tem com as suas comunidades?

Não será essencial investir no futuro da nossa presença na América do Norte, não deixar morrer os laços que nos unem?

Se, por um lado, a Região tudo faz para captar turistas promovendo charter's, por outro, esquece que existe um mercado tão perto, o mercado dos nossos emigrantes e descendentes que constituem uma riqueza incontestável.

As queixas do tecido sócio-económico da Ilha Terceira, pela falta de uma ligação directa semanal da ilha com a

América do Norte, vão-se acentuando na exacta medida em que não são apresentadas razões que justifiquem tal discriminação negativa e que condiciona o crescimento económico da ilha Terceira, fortemente dependente do incremento das suas ligações com o exterior.

As queixas das comunidades de emigrantes açorianos, pela falta de uma ligação semanal directa com a Terceira vão sendo cada vez maiores e mais pertinentes, conhecendo-se a vontade de visitarem a sua terra e as dificuldades que sucessiva e progressivamente lhes são colocadas, dizendo mesmo que chegar à Terceira por vezes “é pior que atravessar o cabo das tormentas!”.

Desde o preço das tarifas — extraordinariamente superior ao de outros destinos — aos constrangimentos de terem de se deslocar através de outra ilha, tendo de suportar custos com o reencaminhamento para a de destino, das indisponibilidades de lugares até aos diferentes limites de peso das respectivas bagagens! Tudo são condicionantes e dificuldades desmotivadores para escolherem outras paragens em vez de visitarem a sua terra.

É, por isso, necessário promover a resolução, desta situação discriminatória para uma parte dos Açores — a



Terceira e todo o Grupo Central - e para uma parcela significativa da nossa comunidade emigrante.

É, por isso, necessário criar condições para que seja retomada uma ligação aérea directa da Terceira com a América do Norte.

O conhecimento real da situação actual e, especialmente, das expectativas e potencial de tal situação quer nos Açores quer nas comunidades de emigrantes da América, é determinante para a decisão a tomar.

Por tudo isto, o PSD propõe que a Comissão Especializada Permanente de Economia proceda ao seguinte:

1- Avaliação dos dados existentes relativos à situação actual, das expectativas e potencial, nos Açores e nas respectivas comunidades emigrantes, de uma ligação directa semanal com a América do Norte;

2- Avaliação das decisões até agora tomadas relativamente à exclusão da referida ligação semanal directa;

3- Avaliação de outras possibilidades de promover a ligação em causa designadamente através de outra ligação com outro aeroporto em Portugal Continental ou Açores;

4- Apresentação de um Relatório ao Plenário da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, com o resultado do trabalho realizado dos elementos recolhidos e as respectivas conclusões, no prazo de três meses.

Apresentamos este projecto de resolução no sentido de ser avaliada uma situação concreta, porque não assumimos o pretensiosismo das certezas e das verdades absolutas.

Mas, assumimos a defesa intransigente dos interesses dos Açores, das suas diversas ilhas, e das comunidades emigrantes açorianas como uma riqueza cultural, social e económica parte integrante do nosso património colectivo.

Pois acreditamos no papel que esta Assembleia pode ter no sentido de promover soluções que, efectivamente, resolvam os problemas dos açorianos.

Disse.